

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE GESTÃO E NEGÓCIOS

IGOR FERNANDO FERREIRA

ENDIVIDAMENTO DOS UNIVERSITÁRIOS: UM ESTUDO SOBRE PERFIL DE
CONSUMO E EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Uberlândia

2021

IGOR FERNANDO FERREIRA

ENDIVIDAMENTO DOS UNIVERSITÁRIOS: UM ESTUDO SOBRE PERFIL DE
CONSUMO E EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Trabalho apresentado como requisito de conclusão de projeto de iniciação científica pela Universidade Federal de Uberlândia, realizado no período de janeiro de 2020 a julho de 2021, tendo o número de registro: DIRPE/PIVIC N° 029/2020

Orientadora: Profa. Dra. Aracy Alves de Araújo

Uberlândia

2021

RESUMO

A educação financeira é assunto que deve ser tratado com bons olhos em todas as idades para que o bem-estar financeiro não seja motivo de estresse em nossas vidas. O endividamento pode estar intrinsecamente ligado ao nível de alfabetização que o indivíduo possui. Propõe-se como objetivo geral verificar se os universitários de Uberlândia praticam o consumo consciente, levando em conta a educação financeira, de forma a evitar o endividamento. Como metodologia, foram avaliados 397 questionários e realizada a estatística descritiva, análise de correlação e análise fatorial dos mesmos. Os principais resultados apontam que o nível de conhecimento sobre educação financeira está abaixo do esperado com relação à escala utilizada, mas em contrapartida a atitude ao endividamento se manteve negativa, ou seja, os jovens da Universidade Federal de Uberlândia não apresentam atitudes que os levam ao endividamento. Por fim, foi constatada que para essa amostra, não houve correlação entre o gênero e atitude ao endividamento, assim como quanto a renda e atitude ao endividamento também não houve correlação. Já para outras variáveis de estudo como, idade e uso do cartão de crédito, provou-se haver correlação positiva com a atitude ao endividamento, ou seja, quanto maior, maior será a atitude também. Para finalizar, a variável autocontrole constatou correlação negativa frente à atitude ao endividamento. Portanto, os resultados sugerem que na amostra, os jovens busquem aprimorar seus conhecimentos quanto ao tema educação financeira além de buscarem compreender quando que a atitude ao endividamento está sendo desnecessária diante de seus próprios projetos de vida.

Palavras-chaves: Endividamento, Perfil de Consumo, Educação Financeira.

ABSTRACT

Financial education is a subject that should be treated with good eyes at all ages so that financial well-being is not a reason for stress in our lives. Indebtedness can be intrinsically linked to the individual's level of literacy. It is proposed as a general objective to verify if university students in Uberlândia practice conscious consumption, taking into account financial education, in order to avoid indebtedness. As a methodology, 397 questionnaires were evaluated and descriptive statistics, correlation analysis and factor analysis were performed. The main results show that the level of knowledge about financial education is below expectations in relation to the scale used, but on the other hand, the attitude towards indebtedness remained negative, that is, young people from the Federal University of Uberlândia do not present attitudes that lead them to indebtedness. Finally, it was found that for this sample, there was no correlation between gender and attitude to indebtedness, as well as income and attitude to indebtedness there was also no correlation. As for other study variables, such as age and credit card use, it was proved that there is a positive correlation with the attitude towards indebtedness, that is, the higher the debt, the higher the attitude as well. Finally, the self-control variable found a negative correlation with the attitude towards indebtedness. Therefore, the results suggest that in the sample, young people seek to improve their knowledge on the subject of financial education, in addition to seeking to understand when the attitude towards indebtedness is being unnecessary in view of their own life projects.

Keywords: Indebtedness, Consumption Profile, Financial Education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	06
2	REVISÃO DE LITERATURA	08
	2.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA	08
	2.2 UMA ANÁLISE DOS FATORES QUE INFLUENCIAM	
	ENDIVIDAMENTO	14
	2.2.1 ASPECTOS DEMOGRÁFICOS	16
	2.2.2 RENDA	18
	2.2.3 USO DO CARTÃO DE CRÉDITO	18
	2.2.4 AUTOCONTROLE	19
3	METODOLOGIA.....	20
	3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA	20
	3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA	20
	3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	21
	3.4 PROCEDIMENTOS ESTATÍSTICOS	26
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	28
	4.1 PERFIL DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DE UBERLÂNDIA ...	28
	4.2 JOVENS E EDUCAÇÃO FINANCEIRA	32
	4.2.1 ANÁLISE DE CORRELAÇÃO	33
	4.3 ANÁLISE FATORIAL	36
5	CONCLUSÕES.....	40

1. INTRODUÇÃO

O endividamento é uma causa natural do descontrole financeiro, portanto, as pessoas são responsáveis por examinarem se aquele bem que está sendo adquirido realmente faz parte de sua necessidade. Contudo, a facilidade de crédito, promovido por algumas fontes de recursos tais como os investimentos bancários, está cada vez mais influenciando os consumidores a optarem por financiamentos nas compras em relação a comprar à vista (RASSIER, 2010).

O aquecimento da economia nacional, a qual se estabilizou a partir da década de 1990, e dos valores materialistas dos consumidores, possibilitou o fortalecimento dos desejos de consumo. Além disso, as facilidades de crédito das instituições financiadoras propiciaram o acesso a bens e serviços, os quais antes não eram consumidos (SANTOS, 2014).

A expansão do crédito possibilitou a criação de diversos produtos financeiros de fácil aquisição. Assim, esse recurso permitiu que os indivíduos aumentassem e melhorassem o seu bem-estar e ampliassem as realizações pessoais através da aquisição de bens e serviços (MONTEIRO, 2015). Portanto, o crédito possibilita a compra de bens e serviços, auxilia as empresas a efetuarem investimentos sem recursos próprios e, ainda, permite que os governos criem infraestrutura que não poderia ser financiada por meio dos orçamentos anuais, atendendo às necessidades, por exemplo, de escolas e hospitais (SILVA, 2011).

Vários estudos na área de marketing e comportamento do consumidor apontam que os indivíduos consomem produtos e marcas pelas suas propriedades simbólicas, tanto quanto por seus benefícios funcionais (LEVY, 1959; RITSON & ELLIOTT, 1999). A preocupação dos consumidores em escolher, selecionar, adaptar e expor suas posses e bens de modo a produzir uma afirmação estilística a seu respeito demonstra o quanto as práticas de consumo são carregadas de significados culturais. De acordo com Cobra (2007) esses estímulos exploram aspectos típicos do universo do jovem, como curiosidade, necessidade de filiação, aprovação, status, segurança e realização, dentre outros. Para o autor, o status tem destaque entre os fatores que levam ao alto consumo do jovem na sociedade contemporânea.

O processo da mundialização e financeirização do capital dos últimos quarenta anos está inscrito na necessária superação dos entraves coercitivos que impediam a livre

circulação de capitais em todo o mundo. O desenvolvimento de tecnologias da informação foi essencial, mas a liberalização das finanças permite cada vez mais o livre acesso à exploração da força de trabalho em todo o mundo, possibilitando a transferência de capitais excedentes para onde este possa ser valorizado (PREVITALI, 2012). Para Chesnais (2010), há uma "proeminência das finanças" que se utiliza de "produtos financeiros" liberalizados para pressionar a exploração em níveis que garantam os lucros da produção e dos rentistas:

[...] a finança liberalizada consolidada depois de 1978-1980, criou ativos financeiros ("produtos financeiros" no jargão atual) que aparecem aos olhos de seus portadores como sendo "seu capital", enquanto que se trata de pretensões sobre uma produção futura. Seu grau de efetividade depende tanto do sucesso da apropriação da mais-valia como do bom dos "mercados". Sua natureza econômica é aquela de uma punção sobre a mais-valia, fator de possível bloqueio da acumulação real (CHESNAIS, 2010).

Entretanto, é nesse contexto de incertezas da produção e das finanças que o endividamento da classe trabalhadora e inclusão ao acesso de produtos e serviços financeiros foram dirigidos para o conjunto dos assalariados do campo e da cidade, processo iniciado nos países de maior desenvolvimento capitalista. O crédito que até certo período era destinado somente às empresas ou consumidores que apresentavam comprovação de renda ou propriedades, passa a ser também oferecido para frações assalariadas de médio, baixo ou sem nenhuma comprovação de rendimento (FOSTER, 2006).

Após a década de 1990 que os estudos acerca de comportamento do consumidor ganharam destaque no Brasil, sendo auxiliado pela estabilização econômica com o Plano Real. Em 1994, iniciou-se um processo de estreitamento entre as relações da população e os bancos graças ao crescimento da bancarização e maiores ofertas de crédito (ALVES & SOARES, 2006). Assim, o aumento do poder de compra do consumidor de baixa renda liberou uma imensa demanda reprimida por anos de estagnação econômica e crises inflacionárias (NARDI, 2009).

Nos últimos anos, no Brasil, tem se tornado comum uma parcela da população jovem universitária se enquadrar no perfil do mercado de consumo. Ao ingressarem no curso superior, os jovens tornam-se parte de uma parcela considerável de rendimento para

as instituições financeiras e, através de propostas, captam o interesse pessoal devido à oferta de crédito que são dispostas aos estudantes universitários, como exemplo: acesso a contas bancárias, cartão de crédito, crédito consignado, cheque especial, linhas de crédito vinculado a programas sociais, financiamentos das mensalidades, financiamentos de automóveis, desconto na tarifa de manutenção bancária entre outros produtos e serviços (SILVA, 2005).

Considerando que os universitários constituem um foco importante de pesquisa devido ao valor que as empresas dão a esse grupo de consumidores, o presente estudo busca responder a seguinte questão: os universitários de Uberlândia praticam o consumo consciente, levando em conta a educação financeira, de forma a evitar o endividamento?

Para responder a esse questionamento, propõe-se como objetivo geral verificar se os universitários da Universidade Federal de Uberlândia praticam o consumo consciente, levando em conta a educação financeira, de forma a evitar o endividamento. Como principal contribuição da pesquisa deve-se destacar a tentativa de investigar variáveis demográficas e culturais, verificando as diferenças que as mesmas ocasionam na propensão ao endividamento.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 EDUCAÇÃO FINANCEIRA

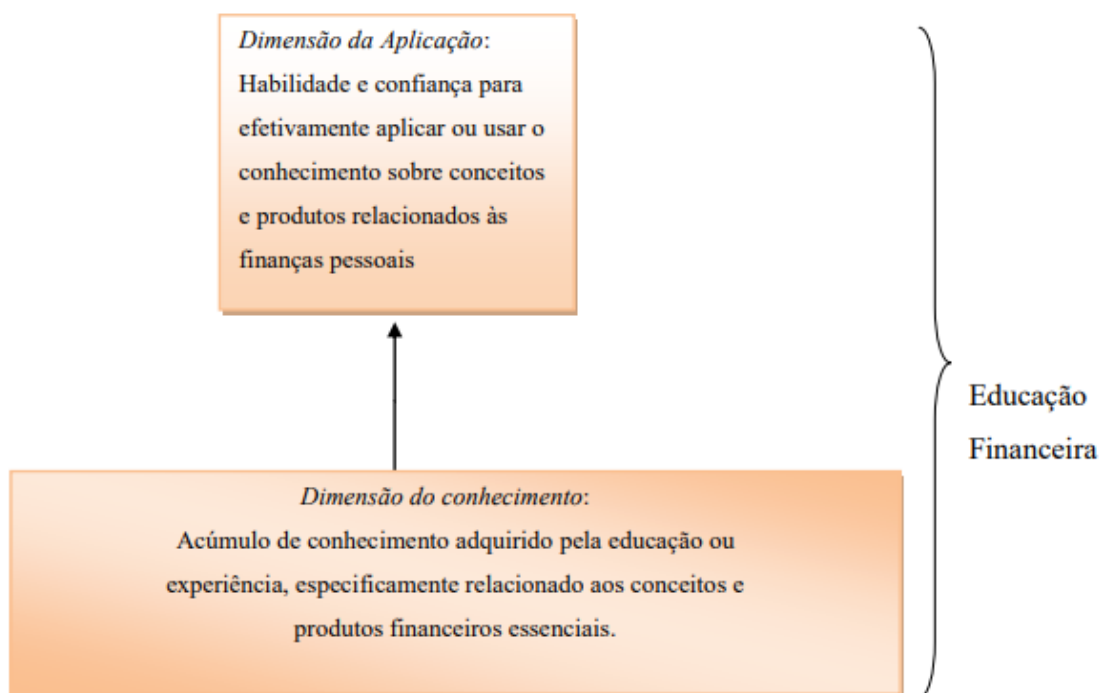
Ao longo dos anos, o consumidor vem construindo um status consolidado de comportamento de compra e concomitantemente exposto a mais estímulos em seu dia a dia. No entanto, as facilidades propiciadas pelo crédito aliado ao incentivo ao consumo têm resultado em alto nível de endividamento, caracterizando em um problema de ordem social chamado "sociedade do consumo" (SLOMP, 2008). Segundo Braunstein e Welch (2002), a administração ineficiente do dinheiro deixa os consumidores vulneráveis a crises financeiras mais graves. Sobre a perspectiva mais ampla, as autoras colocam que as operações de mercado e as forças competitivas ficam comprometidas quando consumidores não têm habilidade para administrar efetivamente suas finanças. Quando os agentes são bem informados, o mercado se torna mais competitivo e mais eficiente.

A definição do *Financial Industry Regulatory Authority* (FINRA), em 2003, considera que o indivíduo comum é educado financeiramente quando tem entendimento

dos princípios de mercado, seus instrumentos, organizações e regulamentações (HUNG, PARKER e YOONG, 2009).

Da definição de Moore (2003), entende-se que o indivíduo educado financeiramente é aquele que teve acesso ao conhecimento sobre o assunto e que pode demonstrar que já utilizou o conhecimento adquirido. A educação é obtida por meio da experiência prática e da ativa aplicação do conhecimento. À medida que a educação financeira do indivíduo se eleva, ele se torna mais sofisticado e mais competente, financeiramente.

Mandell (2007, p. 163-164) define educação financeira como sendo a habilidade de avaliar novos e complexos instrumentos financeiros e de fazer “julgamentos bem informados tanto na escolha desses instrumentos financeiros como na dimensão de seu uso, visando seus melhores interesses de longo prazo”.



Fonte: Figura traduzida de Huston (2010, p307)

De acordo com Gilligan (2012), apesar de haver várias definições para educação financeira, a definição de Remund (2010) destaca-se por abranger o caráter multidisciplinar do termo, e destaca três importantes facetas que estão sendo levadas em conta nessa definição: o conhecimento com relação a finanças pessoais; a aplicação apropriada desse conhecimento, ou seja, não é suficiente apenas conhecer o assunto, é preciso ser capaz de transformá-lo em ações apropriadas para administrar suas próprias

finanças; e, finalmente, o reconhecimento das influências temporais e circunstanciais sobre o processo de tomada de decisões financeiras, que considera tanto as consequências imediatas como futuras das mesmas.

A definição operacional de Educação Financeira ainda gera controvérsias entre os estudiosos do tema, não havendo um consenso sobre como esse construto deve ser objetivamente medido. De acordo com Hung, Parker e Yoong (2009), poucos estudos foram capazes de construir medidas sofisticadas de educação financeira e de estabelecer definitivamente as relações causais entre a educação e o comportamento financeiro da população.

Ao elaborar um instrumento para medir educação financeira, é importante determinar não apenas se o indivíduo conhece a informação, mas, também se consegue aplicá-la de forma apropriada (HUSTON, 2010).

Marcolin e Abraham (2006) ressaltam que as pesquisas sobre o tema, de forma geral, não tentam relacionar educação financeira com comportamento financeiro. Elas destacam que ser possível que, além do conhecimento econômico, outros fatores podem determinar o bom ou mau comportamento financeiro e, conseqüentemente, o maior ou menor grau de sucesso, bem como, a sustentabilidade do sucesso obtido. Elas sugerem também que sejam estudados componentes específicos da alfabetização financeira que, combinados com certas características demográficas teriam maior influência na obtenção do sucesso financeiro.

Remund (2010) baseia a definição operacional de educação financeira em sua definição conceitual. Segundo ele, em termos operacionais, para que o indivíduo seja considerado educado financeiramente, ele precisa ter a aptidão de avaliar quatro aspectos de suas finanças pessoais: orçar, poupar, tomar empréstimos e investir. Essas quatro categorias podem servir apropriadamente como um *framework* para a definição operacional de educação financeira. Porém, para tanto, essas variáveis devem ser colocadas em critérios específicos e mensuráveis.

Segundo Remund (2010), vários estudos têm sido feitos sobre cada um dos subtópicos isoladamente, porém o ideal seria agregá-los para criar uma medida mais completa de educação financeira. Ele ressalta que as medidas operacionais por ele sugeridas vão além do conhecimento genérico sobre questões financeiras, elas avaliam a habilidade em administrar aspectos específicos da vida financeira. Uma medida adequada

para esse construto deve ajudar o pesquisador a entender a dinâmica das aptidões apresentadas pelo indivíduo, incluindo: a tomada de decisão de curto-prazo, o planejamento de longo prazo, o entendimento das implicações financeiras dos eventos que ocorrem ao longo da vida e a administração de possíveis impactos financeiros das mudanças econômicas que estão além do controle individual (REMUND, 2010).

Os dados levantados por Huston (2010), em sua pesquisa sobre as escalas de medida para educação financeira, podem ser resumidos da seguinte forma: mais de 50% das medidas estudadas incluem conceitos básicos de emprestar e investir/poupar; um terço deles inclui conceitos de fontes de proteção de recursos; 40% das medidas incluíam duas ou três áreas ligadas às finanças pessoais, das quatro já mencionadas; 35% focalizavam-se em apenas uma área. Apenas 25% das medidas abrangiam todas as quatro áreas citadas. Segundo a autora, as medidas que levam em consideração as quatro áreas têm maiores possibilidades de serem mais acuradas (HUSTON, 2010).

Do ponto de vista da aplicação empírica das escalas para mensuração da educação financeira, várias fontes podem ser citadas.

Volpe, Kotel e Chen (2002) realizaram uma survey para levantar o grau de conhecimento sobre investimentos, especificamente no grupo de investidores online. O questionário utilizado constituiu-se de quinze questões, sendo onze referentes a investimentos e três referentes a dados demográficos. As perguntas buscaram avaliar os conhecimentos sobre fundos mútuos, ações, impostos sobre ações, diversificação e a relação entre taxas de juros e preços de títulos.

Hilgert, Hogarth e Beverley (2003), por sua vez, avaliaram o conhecimento financeiro dos indivíduos por meio de uma escala constituída de: cinco itens sobre administração do fluxo de caixa; quatro itens sobre administração de crédito; cinco itens sobre poupança; onze itens sobre investimento e seis itens sobre experiências financeiras diversas. Os autores não disponibilizaram o questionário utilizado e nem a forma como ele foi construído (perguntas abertas ou fechadas, número de alternativas, etc.), apenas citaram os assuntos abordados e se ativeram aos resultados obtidos. Esses autores concluíram em sua pesquisa que os indivíduos que têm maior conhecimento financeiro têm mais possibilidades de se engajar nas práticas financeiras recomendadas.

Moore (2003) estudou o grau de conhecimento financeiro pelo número de respostas corretas para doze itens de escolha binária. A autora buscou também identificar

o comportamento financeiro ao longo de quinze itens, nos quais os entrevistados relataram ter se engajado em comportamentos financeiros positivos ou negativos. Por fim, ela investigou a experiência financeira dos participantes da pesquisa, utilizando para tanto quatorze itens.

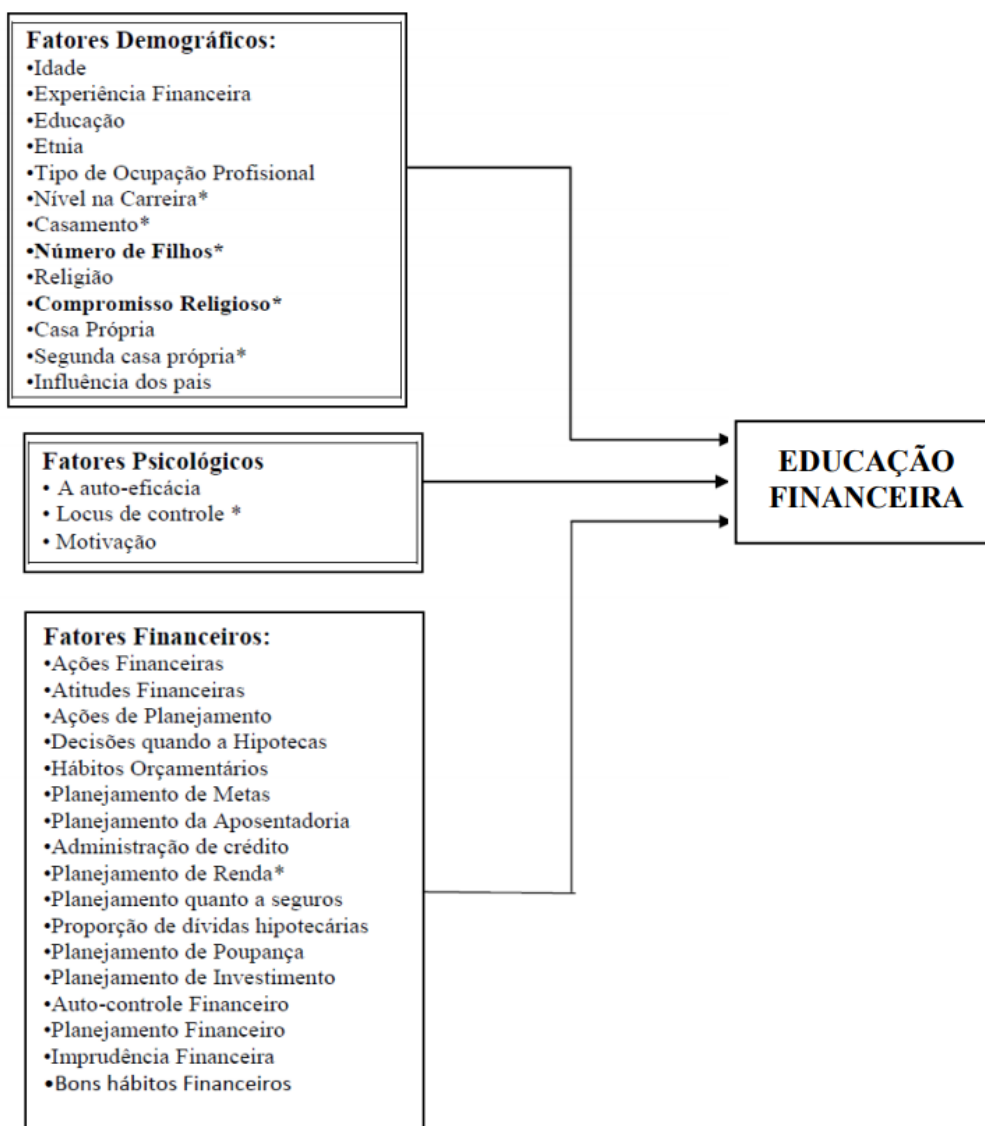
Mandell (2007) enfocou o nível de conhecimento financeiro dos indivíduos por meio de um teste de desempenho com trinta e uma questões. Estas abordaram o nível de conhecimento sobre poupança, investimento e endividamento. Em Mandell (2008), o autor publicou outro estudo, este especificamente voltado a investigar o nível de educação financeira de alunos do ensino médio (high school students).

Agnew e Szykman (2005) estudaram a educação financeira sob o ponto de vista de conhecimento sobre investimentos, por meio de uma pesquisa com dez itens incluindo múltipla escolha e verdadeiro ou falso.

Lusardi e Mitchell (2008) identificaram o grau de educação financeira dos indivíduos por meio de questões de múltipla escolha, adotando o teste de desempenho composto por conhecimentos sobre taxas de juros compostas, inflação e risco do mercado de ações. Em Lusardi e Mitchell (2007a), as autoras pesquisaram, com três itens, o desempenho em investimentos dos entrevistados. Lusardi e Mitchell (2007 b) realizaram outra investigação abrangendo cinco itens de múltipla escolha sobre educação financeira básica e oito itens de múltipla escolha sobre educação financeira avançada. Consideraram ainda, separadamente, sete itens sobre autoconhecimento percebido. Van Rooij, Lusardi e Alessie (2011), por sua vez, utilizaram cinco itens de múltipla escolha sobre educação financeira básica e onze itens sobre educação financeira avançada, e sete itens sobre autoconhecimento percebido. Lusardi e Tufano (2009) concentraram-se na questão do endividamento, o qual foi investigado por meio de teste de desempenho com três itens de múltipla escolha e itens para auto-avaliação financeira dos entrevistados.

Kehiaian (2012) investigou quais os fatores que influenciam a educação financeira das famílias americanas. A pesquisa foi realizada com uma amostra de famílias da Carolina do Norte, as quais foram divididas em grupos de devedores e não devedores. O autor estudou cento e quarenta e nove variáveis independentes, divididas em fatores demográficos, fatores psicológicos e comportamentos financeiros e aplicou análises de regressão para determinar quais das variáveis independentes foram significativamente relacionados com a educação financeira.

O estudo de Kehiaian (2012) encontrou cento e vinte e cinco fatores significativos para a educação financeira, em dezesseis categorias diferentes, incluindo: fatores demográficos, fatores psicológicos, ações financeiras, atitudes financeiras, planejamento das ações, decisões sobre hipotecas, hábitos de elaboração de orçamento, planejamento de metas, planejamento da aposentadoria, gestão de crédito, planejamento de receitas, planejamento de seguros, dívida hipotecária, planejamento de poupança, planejamento de investimentos e autocontrole financeiro. Com base nessas variáveis, o autor propõe um modelo para educação financeira, conforme apresentado na figura a seguir.



Fonte: Kehiaian (2012, p.412)

2.2 UMA ANÁLISE DOS FATORES QUE INFLUENCIAM ENDIVIDAMENTO

Os termos endividamento e inadimplência ainda são vistos por muitos como sinônimos. Segundo o IDEC, Instituto Brasileiro de Defesa do Consumidor, quando uma pessoa pega emprestado recursos financeiros para adquirir algum bem, ele está se endividando. O excesso de dívidas pode levar o consumidor à situação de inadimplência, que é quando não se consegue pagar um compromisso financeiro até a data de seu vencimento.

Dívida é o resultado de um empréstimo, e ao final do prazo estipulado deve ser devolvido o principal acrescido de juros; normalmente, são realizados pagamentos periódicos ao longo do período de vigência do empréstimo, enquanto que o endividamento é considerado o somatório do passivo (ROSS; WESTERFIELD; JORDAN, 2009). Chomsky (2006) afirma que fazemos parte de uma sociedade estruturada de forma a considerar mais importantes os lucros possivelmente gerados através do mercado econômico do que as pessoas que compõem essa mesma sociedade. O autor afirma que tal situação é fruto do capitalismo exacerbado promovido pelo governo americano e propagado pela mídia de massa, aliada do estado na missão de inculcar nas pessoas o desejo de consumir mais e mais.

Segundo a Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC – Nacional, 2021) entre as famílias com contas ou dívidas em atraso, o tempo médio de atraso foi de 62,1 dias em maio de 2021 – superior aos 56,5 dias de maio de 2020. O tempo médio de comprometimento com dívidas entre as famílias endividadas foi de 6,8 meses, sendo que 34,5% delas estão comprometidas com dívidas até três meses; e 36,9%, por mais de um ano. Ainda entre as famílias endividadas, a parcela média da renda comprometida com dívidas alcançou 28,9% da renda, ante 30,5%, em maio e 29,8% em abril, ambos em 2020.

Dentre os endividados, 15,1% afirmam ter mais da metade de sua renda mensal comprometida com pagamento de dívidas. Em janeiro, esse percentual havia sido 16,3%. O cartão de crédito foi apontado em primeiro lugar nos principais tipos de dívida por 76,1% das famílias endividadas, seguido por financiamento de casa, para 16,0%, e, em terceiro, por financiamento de veículos, para 12,2% (PEIC – Nacional, 2021).

Segundo a PEIC (2021), o endividamento alcançou recorde histórico em abril de 2021. Para as famílias com renda até dez salários mínimos, o cartão de crédito é o

principal tipo de dívida para 80,7% das famílias, seguido pelas dívidas de carnê– 17,9% – e financiamento de carros para 9,0%. Já para famílias com renda acima de dez salários mínimos, o principal tipo de dívida apontado também foi o cartão de crédito, para 81,9%, financiamento de veículos em segundo mais cotado, para 16,6%, e financiamento de casa, para 15,3%.

Tipo de dívida (% de famílias)			
Abril de 2021			
Tipo	Total	Renda familiar mensal	
		Até 10 SM	+ de 10 SM
Cartão de Crédito	80,9%	80,7%	81,9%
Cheque Especial	6,3%	6,3%	6,2%
Cheque Pré-Datado	1,5%	1,7%	0,8%
Crédito Consignado	6,4%	6,4%	6,2%
Crédito Pessoal	7,9%	8,3%	5,9%
Carnês	16,5%	17,9%	9,8%
Financiamento de Carro	10,2%	9,0%	16,6%
Financiamento de Casa	8,5%	7,1%	15,3%
Outras dívidas	1,7%	1,9%	1,0%
Não sabe	0,0%	0,0%	0,1%
Não respondeu	0,3%	0,2%	0,3%

Fonte: Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (2021)

Segundo Frade et. al. (2008, p. 25) o uso do crédito por consumidores não configura um mal em si mesmo já que “quando contratado em situação de estabilidade financeira e laboral, o crédito permite melhorar a acessibilidade de determinados bens e serviços, contribuindo para o aumento do bem-estar dos indivíduos e das famílias”. Por outro lado, quando ofertado de forma fácil, como vemos estampado em panfletos distribuídos aos milhares nas ruas de cidades brasileiras, pode tornar-se causa grave de endividamento e conseqüentemente de exclusão social.

O crédito só trará melhora na situação dos consumidores se concedido com bastante critério. Deve ser analisado se o valor que o consumidor deverá disponibilizar para saldar seu débito não porá em risco outras obrigações financeiras necessárias à sua própria subsistência. Além disso, sempre deve se tomar o cuidado para que a tomada de empréstimo não se torne um hábito para o consumidor; portanto, antes de assumir um

compromisso de compra, as pessoas devem analisar se a aquisição do bem realmente faz parte de sua necessidade. Mas, diante da facilidade de crédito, promovido por investimentos bancários, os consumidores optam por financiar suas compras a compradas à vista (RASSIER, 2010, p. 51).

2.2.1 ASPECTOS DEMOGRÁFICOS

Os aspectos demográficos e culturais compõem uma dimensão relevante para a compreensão do comportamento dos indivíduos, pois a maneira de gerenciar os recursos monetários das pessoas está atrelado às características pessoais de cada indivíduo. Assim, segundo Frade et al. (2008) o perfil de endividamento acompanha a qual fase do ciclo de vida que a pessoa está, sendo importante relacionar aspectos como religião, escolaridade, renda, idade, gênero entre outros a propensão ao endividamento. No que diz respeito a escolaridade e a idade, Ponchio (2006) revela também que há uma tendência natural dos indivíduos assumirem parcelamentos quanto menor escolaridade e idade.

Nesse sentido, pode-se afirmar que os estudantes universitários estão em uma fase na qual definem sua vida financeira (MENDES-DA-SILVA; NAKAMURA; MORAES, 2012). Vários trabalhos investigaram questões financeiras entre estudantes universitários, como: Boddington e Kemp (1999); Santos et al. (2008); Norvilitis et al. (2006); Pimentel et al. (2012); Keese(2010); Flores (2012). Boddington e Kemp (1999) investigaram a relação entre compras impulsivas e endividamento entre universitários.

Também se destaca dentro desta perspectiva o estudo de Keese (2010) que observou os aspectos objetivos e subjetivos que impulsionam o endividamento. Em relação aos resultados que relacionavam a idade dos respondentes, percebe-se também que quanto menor a idade, mais propensão ao endividamento, devido à percepção do peso da dívida ser significativamente mais baixo com relação às pessoas mais velhas.

Pimentel et al. (2012) aplicaram a Escala de Atitudes do Dinheiro (Money Attitude Scale - MAS) em universitários do Nordeste brasileiro, verificando que as atitudes frente ao dinheiro predizem o comportamento de compras, principalmente as ligadas ao fator Poder. Flores (2012) verificou a associação da Propensão ao Endividamento com fatores comportamentais, entre eles, os Valores do Dinheiro. A autora concluiu que pessoas que valorizam a posse do dinheiro têm menor Propensão ao Endividamento. Portanto, a primeira hipótese é:

Hipótese 1: Indivíduos com idade e grau de escolaridade menores estão sujeitos a contraírem mais endividamentos.

No que se refere ao gênero, diversos estudos têm confirmado sua influência. Há indicativos de que as mulheres têm uma atitude mais cuidadosa, são mais tensas e angustiadas no que se refere ao uso do dinheiro, e tendem a pensar mais seus gastos do que os homens (MOURA, 2005). Tang (1992) encontrou uma visão mais positiva e audaciosa do dinheiro, por parte do sexo masculino, identificando que os homens dão maior importância para o dinheiro do que as mulheres. Este resultado não tinha sido encontrado por Furnham em 1984. As diferenças entre os sexos no significado e usos do dinheiro podem ser compreendidas pela estrutura da sociedade. Rudmin (1994) sugeriu que o dinheiro significa poder para os homens, enquanto as mulheres parecem não entender valor monetário ou procurar por ele, ao contrário dos homens. O poder derivado de dinheiro tem sido historicamente restrito aos homens.

Os homens tendem a pensar em dinheiro, e em que termos as coisas podem ser convertidas. Zelizer (1989) argumenta que os ganhos das mulheres domésticas têm sofrido historicamente uma banalização – os rendimentos das esposas estão sendo tidos como ganhos suplementares, sendo tratados com designação de pagar despesas familiares e, principalmente, gastos superficiais, como joias ou roupas. Por outro lado, os ganhos dos homens foram utilizados para efeitos mais graves, tais como fornecer alimentos e abrigo para a família.

Como visto, a variável gênero é um tema bastante recorrente quando se trata de endividamento. Os estudos que abordam essa temática são um tanto quanto divergentes nas conclusões. Segundo Davies e Lea (1995), Norvilitis, Szablicky e Wilson (2003) e Norvilitis et al. (2006) não há diferenças significativas quanto ao endividamento entre homens e mulheres. Wang, Lu e Malhotra (2011), por sua vez, relataram que os homens possuem uma predisposição maior para o endividamento perante as mulheres, ocasionado pelo fato das mulheres serem mais prevenidas no processo de tomada de decisão financeira, serem mais organizadas e terem um planejamento financeiro mais eficiente (BAEK; HONG, 2004) e serem mais avessas ao risco (KEESE, 2012). Ainda neste contexto, Ponchio (2006) destaca que as mulheres são mais favoráveis a atitude ao endividamento do que os homens. Com isso, a segunda hipótese é:

Hipótese 2: Não há diferenças entre gêneros no que diz respeito ao endividamento.

2.2.2 RENDA

Segundo Davies e Lea (1995), a investigação sobre os aspectos que impulsionam o endividamento, obteve destaque a partir do estudo de Katona (1976). Para este autor, existem três razões que explicam por que uma pessoa pode gastar mais do que ela ganha: (i) baixa renda, de modo que nem sequer são cobertas as despesas essenciais; (ii) alta renda, combinada com um forte desejo de gastar, e (iii) uma falta de vontade para economizar (independentemente da renda). A importância do estudo de Katona (1976) está em discutir a origem dos problemas de crédito, avaliando não somente os fatores econômicos, mas também os fatores psicológicos e comportamentais. Seguindo essa perspectiva, Vitt (2004) ressalta que as decisões financeiras do consumidor envolvem uma série de valores psicológicos, físicos e sociais, muitas vezes enraizados em sentimentos e emoções.

Com relação a renda, Zerrenner (2007); Vieira et al. (2014) e Vieira, Flores e Campara (2014), verificaram que o endividamento está presente na categoria de indivíduos de baixa renda (até 3 salários mínimos). Tais resultados estão atrelados principalmente pela restrição orçamentária. De forma análoga, Van Raaij e Gianotten (1990), as pessoas com rendimentos mais elevados por gastarem mais e contraírem mais empréstimos, estão sujeitas a contraírem mais endividamento. Portanto a terceira hipótese é:

Hipótese 3: O endividamento é superior entre indivíduos com menor nível de renda.

2.2.3 USO DO CARTÃO DE CRÉDITO

A decisão de tomar empréstimos, a partir da utilização de cartão de crédito, também já foi objeto de estudo das Finanças Comportamentais, onde se provou sua influência nas decisões, limitando a racionalidade do indivíduo. Segundo Block-Lieb e Janger (2006) no pagamento em dinheiro o limite de poder de compra é tangível, ao contrário da utilização do cartão de crédito. O uso desse meio magnético, por exemplo,

pode causar uma dissonância cognitiva nos consumidores, já que estes não sentem em seu bolso o peso de pagar à vista, e a fatura só chega em dias ou semanas.

O experimento de Soman (2001) suporta a proposição de que a dissonância cognitiva pode levar o usuário de cartão de crédito a gastar mais do que aqueles que pagam à vista. Block-Lieb e Janger (2006) reforçam a heurística da ancoragem através do uso do cartão de crédito, destacando que os indivíduos só se perguntam se o valor da parcela cabe em seu bolso, isso exige um mínimo de cálculo, porém impede com que o indivíduo tome consciência do custo do crédito ao final do período.

O excesso de confiança pregado pela teoria das finanças comportamentais é um viés que faz com que as pessoas se endividem substancialmente, pois estes subestimam a probabilidade que eventos negativos que interrompam sua renda futura aconteçam, tais como perda de emprego ou redução substancial da renda (ZERRENNER, 2007)

Alguns estudos também afirmam que o uso do cartão de crédito está fortemente relacionado à compra compulsiva, caracterizando-se em um comportamento irracional (NORUM, 2008; WANG & XIAO, 2009). Além disto, a atitude para com cartão de crédito é a variável mais importante na previsão da dívida do cartão de crédito (WANG, LV, & JIANG, 2011). Diante disto, o constructo atitude com cartão de crédito é evidenciado como antecedente do endividamento. Por isso, sugere-se a seguinte hipótese:

Hipótese 4: A atitude com cartão de crédito influencia positivamente na propensão ao endividamento.

2.2.4 AUTOCONTROLE

Quando se trata de problemas relacionados a gasto ou ao consumo em excesso, logo se atribui a causa a problemas de autocontrole. Assim, esse conceito tem sido muito usado no senso comum e estudado pelas áreas da Psicologia e da Economia Comportamental. Observa-se a sua utilização tanto para definir um comportamento, isto é, a própria resposta, como para significar também uma fonte de variáveis controladoras desse comportamento, por exemplo, estados internos causadores de comportamentos (HANNIS, 2005; HANNA & TODOROV, 2002; SAMPAIO, 2005).

O autocontrole pode ser definido como a capacidade de o próprio indivíduo alterar a probabilidade futura de emissão de uma resposta, a partir da alteração das variáveis das quais é função. Envolve situações em que uma mesma resposta gera consequências

conflitivas: a) imediatas x atrasadas; b) para o indivíduo x para o grupo; c) levam tanto a reforço positivo quanto a negativo (HANNA & TODOROV, 2002; MARCHEZINI-CUNHA & TOURINHO, 2010; SAMPAIO, 2005).

Os consumidores que apresentam problemas de autocontrole são expostos a uma variedade de riscos no ambiente do consumo impulsivo e estão associados positivamente com o não pagamento de crédito, isto é, são mais propensos a tornarem-se mais endividados (GATHERGOOD, 2012). Portanto, a falta de autocontrole influencia positivamente a compra por impulso e o endividamento (WANG & XIAO, 2009; MALHOTRA, LU, & WANG, 2011; GATHERGOOD, 2012). Portanto, é elaborada a quinta hipótese:

Hipótese 5: O autocontrole influencia negativamente a propensão ao endividamento

3. METODOLOGIA

3.1 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Este estudo possui uma abordagem quantitativa, que se caracteriza pelo emprego da quantificação tanto nas modalidades de coleta de informações, quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas. Pelas suas características, o método quantitativo possibilita uma margem de segurança quanto às inferências. É frequentemente aplicado nos estudos que procuram descobrir e classificar a relação entre variáveis, bem como nos que investigam a relação de causalidade entre fenômenos (RICHARDSON, 1999).

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população a ser estudada é constituída por estudantes de graduação, pós graduação e especializações matriculados na Universidade Federal de Uberlândia. Desta totalidade, foi efetuado cálculo de amostragem probabilística para determinar a amostra mínima do estudo, obtendo assim, a quantidade de questionários a serem respondidos para que as finalidades deste estudo sejam atendidas.

Estima-se que existam, segundo dados da UFU divulgados em 2020, aproximadamente 20.444 alunos matriculados na graduação e 5.780 na pós-graduação da Universidade Federal de Uberlândia. Utilizando cálculo probabilístico e considerando um

grau de confiança de 95% e margem de erro de 5%, o tamanho da amostra é de 379 questionários.

3.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Como instrumento de coleta de dados foi utilizado o questionário. Segundo Gil (1989), o questionário é uma técnica que visa investigar, o qual é composto por um número elevado de questões escritas, que são apresentadas às pessoas. O seu objetivo é verificar as opiniões, as crenças, interesses, sentimentos e situações vividas pelos entrevistados.

O questionário é composto em três blocos, para atender aos objetivos específicos. O primeiro objetivo específico, que é identificar o perfil dos acadêmicos foi verificado no primeiro bloco com sete questões. Seguem os Quadros 1, 2 e 3 referentes às questões abordadas no questionário:

Quadro 1: Perfil socioeconômico, tipo de questão e autores de referência.

Questão	Tipo	Autores
Sexo	Dicotômica (Masculino e Feminino)	Chen e Volpe (1998), Costa e Miranda (2013), Silva, Magro, Gorla e Nakamura (2017), Potrich, Vieira e Kirch (2016), Matos e Bonfanti (2016), Macrini et al (2019)
Idade	Questão aberta	Potrich, Vieira e Kirch (2016), Costa e Miranda (2013), Matos e Bonfanti (2016), Macrini et al (2019)

Estado Civil	Questão aberta	Potrich, Vieira e Kirch (2016), Costa e Miranda (2013), Dias et al (2019)
Escolaridade	Múltipla Escolha	Potrich, Vieira e Kirch (2016), Costa e Miranda (2013), Machado-da-Silva et al (2017), Macrini et al (2019)
Renda	Questão aberta	Potrich, Vieira e Kirch (2016), Costa e Miranda (2013), Matos e Bonfanti (2016), Macrini et al (2019)
Cor	Questão aberta	Costa e Miranda (2013), Macrini et al (2019), Potrich, Vieira e Cereta (2013)
Período de curso	Questão aberta	Lucci et al (2006)

Fonte: Elaborada pelo autor.

Quadro 2: Questão sobre educação financeira, tipo de questão e autores de referência.

Questão	Tipo	Autores
Marque a qual conceito se enquadra a descrição a seguir	Múltipla Escolha	Adaptado de Dias et al (2019)
Um empréstimo com duração de 15 anos normalmente exige pagamentos mensais maiores do que um empréstimo de 30 anos, mas o total de juros pagos ao final do empréstimo será menor.	Múltipla Escolha (verdadeiro ou falso)	Potrich, Vieira e Kirch (2016)
Qual é o ativo mais arriscado para investir?	Múltipla Escolha	Klapper e Panos (2011)
Tendo como base um longo período de tempo (ex.: 10 ou 20 anos), qual ativo, normalmente, oferece maior retorno?	Múltipla Escolha	Rooij, Lusardi e Alessie (2011), Potrich, Vieira e Kirch (2016)
Geralmente, qual ativo apresenta as maiores oscilações ao longo do tempo?	Múltipla Escolha	Rooij, Lusardi e Alessie (2011), Potrich, Vieira e Kirch (2016)
Imagine que a taxa de juros incidente sobre sua conta poupança seja de 6% ao ano e a taxa de inflação seja de 4% ao ano. Após 1 ano, o quanto você será capaz de comprar com o dinheiro dessa conta? Considere que não tenha sido depositado e nem retirado dinheiro.	Múltipla Escolha	Rooij, Lusardi e Alessie (2011), Potrich, Vieira e Kirch (2016), Costa e Miranda (2013)
Suponha que Maria herde R\$55.000,00 hoje e seu irmão João herde R\$55.000,00 daqui a 3 anos.	Múltipla Escolha	Rooij, Lusardi e Alessie (2011), Potrich, Vieira e Kirch (2016)

Quem estará mais rico por causa da herança?		
Suponha que em 2021, sua renda dobrará e os valores de todos os bens também dobrarão. Em 2021, o quanto você conseguirá ser capaz comprar com sua renda?	Múltipla Escolha	Rooij, Lusardi e Alessie (2011), Potrich, Vieira e Kirch (2016), Klapper e Panos (2011)
Se 5 pessoas ganham juntas na loteria um prêmio de 2 milhões de reais, quanto cada um vai ganhar, considerando que o prêmio será dividido igualmente?	Múltipla Escolha	Costa e Miranda (2013)
Julgue a seguinte afirmação: A compra de ações de uma única empresa normalmente fornece um retorno mais seguro do que o retorno de um fundo de ações.	Múltipla Escolha (verdadeiro ou falso)	Potrich, Vieira e Kirch (2016), Klapper e Panos (2011)

Fonte: Elaborada pelo autor.

Para obtermos resultados referentes ao endividamento, foram estabelecidas uma série de questões que usam como modelo a escala de likert. O modelo desenvolvido por Rensis Likert (1932) serve para mensurar atitudes no contexto das ciências comportamentais. A escala de verificação de Likert consiste em tomar um construto e desenvolver um conjunto de afirmações relacionadas à sua definição, para as quais os respondentes emitirão seu grau de concordância de forma que (1) discorda completamente; (2) discorda; (3) não discorda nem concorda; (4) concorda; (5) concorda completamente.

O terceiro e último bloco, segue questões propostas e validadas no âmbito nacional por alguns autores como Moura (2005), Vieira et al (2014) e Alves da Silva Cruz Neto et al. (2017). Tais questões foram adaptadas à realidade em que serão aplicadas e possuem como objetivo medir os níveis de concordância dos respondentes quando o assunto é endividamento.

Quadro 3: Questões sobre atitude ao endividamento e autores de referência.

Questão	Autores
Não possuo compromissos de crédito.	Vieira et al (2014)
Pago minhas contas sem dificuldades.	Vieira et al (2014)
Tenho contas em atraso.	Vieira et al (2014)
Não é certo gastar mais do que ganho.	Moura (2005)
Acho normal as pessoas ficarem endividadas para pagar suas coisas.	Moura (2005)
Prefiro pagar parcelado mesmo que no total seja mais caro.	Moura (2005)
Eu sei exatamente quanto devo em lojas, cartão de crédito ou banco.	Moura (2005)
É uma boa ideia comprar algo agora e pagá-lo depois.	Alves da Silva Cruz Neto et al. (2017)
É preferível preocupar-se em pagar sempre à vista.	Alves da Silva Cruz Neto et al., (2017)
É importante preocupar-se em viver de acordo com o dinheiro que se tem.	Alves da Silva Cruz Neto et al., (2017)
As pessoas ficariam desapontadas comigo se soubessem que tenho dívida.	Lea, Webley e Walker (1995), Moura (2005)
Não tem problema ter dívida se eu sei que posso pagar.	Lea, Webley e Walker (1995), Moura (2005)
Os serviços financeiros são complicados e confusos para mim.	Lea, Webley e Walker (1995), Moura (2005)

Comprar com cartão de crédito e pagar a fatura mensalmente é uma forma inteligente de gerir seu dinheiro.	Disney e Gathergood (2015), Flores (2012)
Sou organizado(a) quando se trata de gerir o dinheiro no dia-a-dia.	Lea, Webley e Walker (1995), Moura (2005)

Fonte: Elaborada pelo autor.

3.4 PROCEDIMENTOS ESTATÍSTICOS

Para facilitar o entendimento dos procedimentos estatísticos que foram utilizados, foi elaborado o Quadro 5 que visa explicitar os objetivos e o tratamento estatístico que foi feito no software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS).

Quadro 4: Problema de pesquisa, objetivo geral, objetivos específicos e tratamentos estatísticos.

PROBLEMA DE PESQUISA	
Os universitários de Uberlândia praticam o consumo consciente, levando em conta a educação financeira, de forma a evitar o endividamento?	
OBJETIVO GERAL	
Verificar se os universitários de Uberlândia praticam o consumo consciente, levando em conta a educação financeira, de forma a evitar o endividamento.	
Objetivo específico 1	Objetivo específico 2
Identificar o perfil dos acadêmicos através de questões socioeconômicas.	Verificar a influência da educação financeira na atitude ao endividamento.
Tratamento estatístico dos dados	Tratamento estatístico dos dados
Estatística Descritiva	Análise Fatorial Análise de Correlação

Fonte: Elaborada pelo autor.

A Análise Fatorial Exploratória é uma técnica estatística que permite, por meio da avaliação de um conjunto de variáveis, identificar dimensões de variabilidade comuns existentes em um conjunto de fenômenos (CORRAR; PAULO; DIAS FILHO, 2014). Conforme os autores, o objetivo é desvendar estruturas existentes, que são impossíveis de serem analisadas diretamente, o que possibilita descrever um conjunto de variáveis

originais através da criação de números menores de fatores, ou seja, reduzir um grande número de variáveis observadas em quantidades menores de fatores (FIGUEIREDO FILHO; SILVA JÚNIOR, 2010). Essa técnica possibilita compreender as relações entre variáveis, em que as dimensões resultam em significado, para o que representam coletivamente (HAIR et al., 2009).

Para verificar se a análise fatorial exploratória é adequada a um conjunto de dados, será realizado primeiramente o teste de esfericidade de Bartlett e a medida de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO). A esfericidade de Bartlett possibilita verificar se a correlação existente entre as variáveis é significativa, em que apenas alguns fatores representam a variabilidade dos dados. Para que a esfericidade seja considerada estatisticamente significativa o seu valor deve ser inferior a 0,05. Para verificar a correlação entre os pares de variáveis, que explicam as demais variáveis do estudo, utiliza-se o cálculo do KMO, em que seus valores devem adotar a seguinte escala: entre 0,90 e 1 excelente; entre 0,80 e 0,89 bom; entre 0,70 e 0,79 mediano; entre 0,60 e 0,69 medíocre; entre 0,50 e 0,59 ruim e entre 0 e 0,49 inadequado. Para que o cálculo seja estatisticamente aceito, serão considerados valores maiores que 0,50 (FIGUEIREDO FILHO; SILVA JÚNIOR, 2010).

Para identificar quanto da variância extraída dos dados pode ser associada ao fator e obter o número de fatores que melhor se aplica à Análise Fatorial, utilizará o critério de autovalores (eigenvalue) maior que 1,0 (BEZERRA, 2009). Para simplificar as linhas e colunas da fatorial será utilizado o método de rotação VARIMAX, permitindo melhor visualização dos fatores. Para testar a confiabilidade do agrupamento das variáveis nos fatores será utilizado o Alfa de Cronbach. Segundo Hair (2009) o limite inferior para este teste deve ser de 0,60.

As questões do bloco 2 serão corrigidas conforme um gabarito estabelecido, chegando assim à pontuação percentual de cada questionário. A partir da pontuação percentual obtida pelo aluno, o seu conhecimento sobre educação financeira foi classificado da seguinte forma: 0 a 59% = conhecimento insuficiente; 60 a 75% = conhecimento moderado; 76 a 100% = conhecimento satisfatório de acordo com Claudino et. al. (2009).

Quanto ao segundo objetivo específico, ao serem estabelecidos as médias das questões sobre endividamento (na parte de endividamento do bloco três do questionário) e a relação dos níveis de entendimento de educação financeira (bloco dois do

questionário) de cada indivíduo, será possível estabelecer uma análise de correlação. As informações obtidas foram submetidas à estimativa dos coeficientes de correlação de Pearson (r). O coeficiente de correlação de Pearson é representado pela letra r e assume valores de -1 a 1. Quando r for positivo, representa a correlação positiva entre duas variáveis, consequentemente, quando r se aproxima de -1, representa correlação negativa entre duas variáveis, ou seja, enquanto uma aumenta a outra diminui, à medida que se aproxima do 1 (positivo ou negativo) vai ficando perfeita a correlação (HAIR, BLACK, BABIN, ANDERSON & RONALD, 2010).

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 PERFIL DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DE UBERLÂNDIA

Foram totalizados 410 respondentes ao questionário e selecionados aqueles cuja idade se encontra entre 18 e 29 anos pelo fato de o estudo estar considerando apenas jovens. Para essa classificação, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), são considerados jovens, pessoas entre 18 e 29 anos. Sendo assim, o total de respondentes caiu para 397.

Para analisarmos o objetivo geral “Verificar se os universitários de Uberlândia praticam o consumo consciente, levando em conta a educação financeira, de forma a evitar o endividamento.” serão utilizadas as perguntas do bloco 1 e 2. Com relação à renda pessoal (PS5), a média dos entrevistados foi de R\$ 874,50. Já com relação à renda familiar (PS6), a média foi de R\$6.388,37 como representado na Tabela 1.

Tabela 1: Representação das médias das rendas.

Renda	Média
Renda Pessoal	R\$ 874,50
Renda Familiar	R\$ 6.388,37

Fonte: Elaborada pelo autor.

Ainda com relação à renda, foi utilizada a classificação proposta pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Seguindo o raciocínio e considerando o salário mínimo para esse ano como R\$1.100,00, foi feita a Tabela 2.

Tabela 2: Frequência encontrada nas classes sociais.

Classes	Frequência	Porcentagem
Classe A	10	2,5
Classe B	162	40,8
Classe C	114	28,7
Classe D	109	27,5
Classe E	2	0,5
Total	397	100,0

Fonte: Elaborada pelo autor.

Seguindo com o bloco 2 das perguntas, foi evidenciado o nível de conhecimento dos entrevistados. Para o cálculo do nível de conhecimento, usou-se a escala proposta por Claudino (2009), onde 0 a 59% = conhecimento insuficiente; 60 a 75% = conhecimento moderado; 76 a 100% = conhecimento satisfatório. Como esse bloco é composto por 10 perguntas, ficou estabelecida a seguinte classificação: de 0 a 5 acertos = Conhecimento insuficiente; de 6 a 7 acertos = Conhecimento moderado e de 8 a 10 acertos = Conhecimento satisfatório. Segue a Tabela 3 resumindo as frequências encontradas de cada nível de conhecimento.

Tabela 3: Frequência encontrada nos níveis de conhecimento.

Conhecimento	Frequência	Porcentagem
Conhecimento insuficiente	163	41,1
Conhecimento moderado	120	30,2
Conhecimento satisfatório	114	28,7
Total	397	100,0

Fonte: Elaborada pelo autor.

Como podemos observar, a maior parte dos entrevistados possui um nível de conhecimento sobre educação financeira insuficiente ao proposto no estudo, sendo 163 respondentes (41,1% do total). Com relação ao conhecimento moderado e satisfatório, ficaram com frequências próximas, sendo 120 (30,2% do total) e 114 (28,7% do total) respectivamente.

Os resultados da análise descritiva estão apresentados nas Tabelas 4 a 8, onde são vistos o total de respondentes de acordo com o sexo, idade, cor ou raça, curso e período do curso. Com relação ao sexo, há um número maior de pessoas do sexo feminino, sendo de 52,9% (210 pessoas) a frequência contra os 47,1% (187 pessoas) representando o sexo masculino (Tabela 4).

Tabela 4: Frequência com relação ao sexo.

Sexo	Frequência	Porcentagem
Masculino	187	47,1
Feminino	210	52,9
Total	397	100,0

Fonte: Elaborada pelo autor.

De acordo com a Tabela 5, a maior frequência de idade se encontra em 21 anos, apresentando 26,4% do total nessa faixa etária. A maior idade registrada foi 29 anos, representada por apenas uma pessoa (0,3% do total) enquanto que a menor idade foi de 18 anos, representada por 15 pessoas (3,8% do total). Foi registrado um número maior de participantes entre as idades de 19 e 23 anos obtendo como valor 343 respondentes (86,3% do total).

Tabela 5: Frequência com relação à idade.

Idades	Frequência	Porcentagem
18 anos	15	3,8
19 anos	50	12,6
20 anos	60	15,1
21 anos	105	26,4
22 anos	72	18,1
23 anos	56	14,1
24 anos	20	5,0
25 anos	12	3,0
26 anos	3	0,8
27 anos	1	0,3
28 anos	2	0,5
29 anos	1	0,3
Total	397	100,0

Fonte: Elaborada pelo autor.

Com relação à cor (Tabela 6), a branca foi a que apresentou a maior frequência, sendo 269 dos entrevistados (67,8% do total). Em segundo lugar, ficou a cor parda com 79 (19,9% do total) seguida das cores preta com 38 (9,6% do total) e amarela com 11 (2,8% do total).

Tabela 6: Frequência com relação à cor.

Cor	Frequência	Porcentagem
Amarela	11	2,8
Branca	269	67,8
Parda	79	19,9
Preta	38	9,6
Total	397	100,0

Fonte: Elaborada pelo autor.

De acordo com a Tabela 7, o curso que apresentou a maior porcentagem foi o de “Química Industrial”, tendo 43 respondentes (10,8% do total). Com frequências bem parecidas, ficaram em segundo lugar os cursos de “Administração” com 34 pessoas (8,6% do total), “Direito” com 33 (8,3% do total), “Jornalismo” com 32 (8,1% do total) e “Ciências da Computação” com 31 (7,8% do total).

Tabela 7: Frequência com relação ao curso.

Curso	Frequência	Porcentagem
Administração	34	8,6
Agronomia	19	4,8
Biomedicina	4	1,0
Ciências Contábeis	19	4,8
Ciências da Computação	31	7,8
Design	12	3,0
Direito	33	8,3
Educação Física	1	0,3
Engenharia Biomédica	2	0,5
Engenharia Civil	23	5,8
Engenharia Mecânica	13	3,3
Engenharia Mecatrônica	5	1,3
Filosofia	3	0,8
Física	4	1,0
Gestão da Informação	19	4,8
Jornalismo	32	8,1
Letras	1	0,3
Letras - Língua Portuguesa com domínio em Libras	11	2,8
Letras Inglês	12	3,0
Medicina	6	1,5
Música	3	,8
Nutrição	12	3,0
Psicologia	20	5,0
Psicopatologia	1	0,3
Química Industrial	43	10,8
Relações Internacionais	8	2,0
Sistemas de Informação	12	3,0
Tradução	14	3,5
Total	397	100,0

Fonte: Elaborada pelo autor.

Com relação ao período do curso que se encontram os participantes, há uma maior concentração no oitavo período, sendo representado por 73 pessoas (18,4% do total). Os outros períodos tiveram as frequências praticamente iguais, em torno de 42 a 52 pessoas

com exceção do segundo, nono e décimo que apresentaram frequências inferiores com relação às demais (Tabela 8).

Tabela 8: Frequência com relação ao período no curso.

Período	Frequência	Porcentagem
1º	43	10,8
2º	23	5,8
3º	44	11,1
4º	42	10,6
5º	48	12,1
6º	49	12,3
7º	52	13,1
8º	73	18,4
9º	18	4,5
10º	5	1,3
Total	397	100,0

Fonte: Elaborada pelo autor.

4.2 JOVENS E EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Para responder ao objetivo específico 2 e as hipóteses propostas, foi feito o tratamento das questões do Quadro 3, apresentadas na metodologia. Nele, constam 15 perguntas, as quais abordam como os indivíduos se comportam com o uso do dinheiro, como planejam suas aquisições, se acham adequado o consumo a prazo, entre outros questionamentos ligados aos recursos financeiros e a probabilidade de executar tarefas que possam torná-los mais propensos ao consumo. A escala utilizada é do tipo *likert* de cinco pontos (1 – Discordo completamente, 2 – Discorda, 3 – Indiferente, 4 – Concorda e 5 – Concorda completamente).

Quanto maior a pontuação para as questões 3, 5, 6, 8 e 14 (3 – “Tenho contas em atraso”; 5 – “Acho normal as pessoas ficarem endividadas para pagar suas contas”; 6 – “Prefiro pagar parcelado mesmo que no total seja mais caro”; 8 – “É uma boa ideia comprar algo agora e pagá-lo depois”; 14 – “Comprar com cartão de crédito e pagar a fatura mensalmente é uma forma inteligente de gerir seu dinheiro”) mais atitude ao endividamento o indivíduo possuirá. O inverso se aplica para o restante das questões apresentadas, ou seja, quanto maior a pontuação, menos atitude ao endividamento. Para estabelecer uma resposta padronizada, foi calculada a atitude ao endividamento positiva para todas as variáveis, ou seja, foi calculada a diferença das médias com o valor máximo de resposta das questões (5). A média encontrada para atitude positiva ao endividamento

foi de 1,68. Quando comparado com a escala de likert que vai de 1 a 5, podemos inferir que na amostra, as pessoas tendem na média “Discordar” de atitudes que levam ao endividamento.

4.2.1 ANÁLISE DE CORRELAÇÃO

Para responder às hipóteses e ao objetivo específico 2 propostos no estudo, foram feitas análises de correlação entre as variáveis. Para Dancey e Reidy (2006) a classificação da correlação de Pearson segue a seguinte escala: $r = 0,10$ até $0,30$ (fraco); $r = 0,31$ até $0,6$ (moderado); $r = 0,61$ até 1 (forte). A Tabela 9 apresenta os resultados das correlações com a variável “Atitude ao endividamento”.

Tabela 9: Correlação entre Atitude ao endividamento e: Idade; Gênero; Classes Sociais; Atitude ao uso do Cartão crédito; Autocontrole; Nível de conhecimento.

		Atitude ao Endividamento
Idade	Correlação de Pearson (r)	0,213
	Sig. (p)	0,000
	N	397
Gênero	Correlação de Pearson (r)	-0,093
	Sig. (p)	0,065
	N	397
Classes Sociais	Correlação de Pearson (r)	0,059
	Sig. (p)	0,241
	N	397
Atitude ao uso do Cartão crédito	Correlação de Pearson (r)	0,701
	Sig. (p)	0,000
	N	397
Autocontrole	Correlação de Pearson (r)	-0,432
	Sig. (p)	0,000
	N	397
Nível de conhecimento	Correlação de Pearson (r)	-0,02
	Sig. (p)	0,693
	N	397

Fonte: Elaborada pelo autor.

Para a primeira hipótese, “Indivíduos com idade e grau de escolaridade menores estão sujeitos a contraírem mais endividamentos” não teve como testar o grau de escolaridade por todos estarem cursando o ensino superior. Segundo Ponchio (2006) e Keese (2010) a atitude ao endividamento está presente em indivíduos que possuem menor idade. De acordo com a Tabela 9, podemos notar que para o nível de significância de 95%

($p < 0,05$), rejeita-se a hipótese nula H_0 de que não há correlação entre as variáveis e aceita a hipótese de que há correlação. Seguindo o raciocínio, há uma correlação fraca entre as duas variáveis ($r = 0,213$), expondo que quanto maior a idade, também cresce de maneira suave a atitude ao endividamento contradizendo os resultados encontrados pelos autores citados acima.

Para a segunda hipótese, “Não há diferenças entre gêneros no que diz respeito ao endividamento” será analisado a correlação entre a atitude ao endividamento e o gênero. Segundo Davies e Lea (1995); Norvilitis, Szablicky e Wilson (2003); e Norvilitis et al. (2006) não há diferenças com relação a atitude ao endividamento levando em conta o gênero e isso também foi constatado devido ao fato de não ser rejeitado a hipótese nula ($p > 0,05$) de que não há correlação entre as variáveis. Além disso o resultado apontado, ainda difere ao constatado por Wang, Lu e Malhotra (2011), que afirmam os homens terem maior atitude ao endividamento e Ponchio (2006) que afirma ser as mulheres.

Para responder à terceira hipótese, “O endividamento é superior entre indivíduos com menor nível de renda”, foi analisada a correlação entre a atitude ao endividamento e a renda. Os dados que serão utilizados são os expressos na Tabela 2 e Gráfico 1. Segundo Zerrenner (2007); Vieira et al. (2014); e Vieira, Flores e Campara (2014) o endividamento está atrelado às pessoas com menor nível de renda, enquanto que, de maneira análoga, para Van Raaij e Gianotten (1990) às pessoas com maior nível de renda. Como podemos observar na Tabela 9, faliu-se em rejeitar a hipótese nula de que não há correlação entre as variáveis ($p > 0,5$), ou seja, o resultado do estudo apontou uma terceira temática diferente dos autores citados, ao qual, renda e atitude ao endividamento não apresentam correlação.

Para responder à quarta hipótese, “A atitude com cartão de crédito influencia positivamente na propensão ao endividamento”, foi considerada as questões 1,6 e 14 do Quadro 3. As questões 6 e 14 são tratadas de maneira positiva ao uso do cartão de crédito enquanto que a questão 1 de maneira negativa. Para padronizar, todas foram ajustadas de modo que fiquem positivas quanto ao uso do cartão de crédito, ou seja, foi feita a diferença da média da questão 1 com o valor máximo da questão (5). Segundo Norum (2008); Wang e Xiao (2009); Wang, Lv e Jiang (2011), concluíram que o constructo atitude com cartão de crédito é evidenciado como antecedente ao endividamento. Sendo assim, rejeitando a hipótese nula de que não há correlação entre as variáveis em questão ($p < 0,05$), foi

evidenciado, seguindo a classificação proposta por Dancey e Reidy (2006) que a correlação entre as variáveis é positiva e forte ($r = 0,701$), ou seja, quanto maior a atitude ao uso do cartão de crédito, maior a atitude ao endividamento, ficando dentro do esperado e o proposto pelos autores acima.

Para analisar a última hipótese considerada neste estudo “O autocontrole influencia negativamente a propensão ao endividamento”, foram consideradas as questões 4, 10, 12 e 15 do bloco três. Segundo Gathergood (2012); Wang e Xiao (2009); Malhotra, Lu e Wang (2011), a falta de autocontrole influencia positivamente a compra por impulso e o endividamento. Como visto na Tabela 9, falha-se em aceitar a hipótese nula de que as variáveis não possuem relação ($p < 0,05$). Sendo assim, a correlação de Pearson, segundo a classificação aplicada no estudo, ficou moderada e negativa ($r = -0,432$), ou seja, quanto maior o autocontrole, menor a atitude ao endividamento e vice-versa igual constatado nos estudos apresentados.

Para estes resultados, foi elaborada a Tabela 10. Nela estão sintetizadas as respostas encontradas para cada hipótese deste estudo.

Tabela 10: Resultados encontrados para cada hipótese.

		Resultado
Hipótese 1	Indivíduos com idade e grau de escolaridade menores estão sujeitos a contraírem mais endividamentos.	Refutada
Hipótese 2	Não há diferenças entre gêneros no que diz respeito ao endividamento.	Aceita
Hipótese 3	O endividamento é superior entre indivíduos com menor nível de renda.	Refutada
Hipótese 4	A atitude com cartão de crédito influencia positivamente na propensão ao endividamento.	Aceita
Hipótese 5	O autocontrole influencia negativamente a propensão ao endividamento	Aceita

Fonte: Elaborada pelo autor.

Para responder ao objetivo específico 2 “Verificar a influência da educação financeira na atitude ao endividamento”, foi feita a análise de correlação referente às variáveis atitude ao endividamento e nível de conhecimento. Segundo Lucci et al. (2006), quanto maior o nível de conhecimento sobre educação financeira, maior será a consciência de todas as variáveis envolvidas numa decisão, conseqüentemente, fornecerá instrumentos para uma tomada de decisão eficiente. Com o resultado do estudo

evidenciado na Tabela 9, foi aceita a hipótese nula de que não há correlação entre as variáveis ($p > 0,05$), ou seja, não houve correlação entre o nível de conhecimento e a atitude ao endividamento ficando fora do esperado.

4.3 ANÁLISE FATORIAL

Para o teste de análise fatorial, foram consideradas as questões referentes ao endividamento do bloco três. Como tratativa inicial, as respostas foram substituídas pelos seus valores em número, ficando 1 para “Discorda completamente”; 2 “Discorda”; 3 “Não discorda nem concorda”; 4 “Concorda”; 5 “Concorda completamente”.

Para começar a análise fatorial, foi calculado primeiramente o teste de esfericidade de Bartlett e a medida de Kaiser-MeyerOlkin (KMO). O KMO é um indicador que compara a magnitude dos coeficientes de correlação observados com as magnitudes dos coeficientes de correlação parcial, e varia entre 0 e 1. Pequenos valores de KMO (abaixo de 0,5) indicam que o uso da análise fatorial não é adequado. Por sua vez, o teste de esfericidade de Bartlett serve para testar a hipótese nula de que a matriz de correlação é uma matriz identidade. Se essa hipótese não for rejeitada, o uso do modelo de análise fatorial deve ser reavaliado (HAIR et al., 2005).

Como podemos observar na Tabela 11, o índice KMO resultou no valor 0,723 enquanto que o teste de esfericidade no valor 0. Isso significa que ambas medidas passaram no teste para que possa continuar com a análise, ao qual, o índice KMO se enquadrou na classificação de moderado enquanto que o teste de esfericidade rejeitou hipótese nula (FIGUEIREDO FILHO; SILVA JÚNIOR, 2010).

Tabela 11: Resultados dos testes de esfericidade de Bartlett e KMO.

Kaiser-Meyer-Olkin Measure of Sampling Adequacy.		,723
Bartlett's Test of Sphericity	Approx. Chi-Square	1246,032
	df	105
	Sig.	,000

Fonte: Elaborada pelo autor.

Prosseguindo a análise, podemos constatar que as 15 perguntas do bloco três se agrupam em 6 fatores, seguindo o critério de autovalores (eigenvalue) maior que 1,0 (BEZERRA, 2009). Além disso foi utilizado o método de rotação VARIMAX para

simplificar e melhorar a visualização dos fatores. Os resultados apontam que com um fator, o autovalor apresentou um total de 2,810 representando que pode ser dividido em mais fatores e a variância explicada cumulativa com o valor de 15,854%. Seguindo a linha de raciocínio, quando agrupados em 6 fatores, o autovalor cai próximo ao limite proposto de 1, ficando em 1,017 e a variância cumulativa aumenta para 65,958%, ou seja, os 6 fatores agrupados explicam aproximadamente 66% das questões propostas no estudo. Os resultados estão expressos na Tabela 12 e apontam que a partir do sexto fator o nível de variância explicado não é significativo.

Tabela 12: Resultado preliminar total explicado pela variância.

Component	Initial Eigenvalues			Extraction Sums of Squared Loadings			Rotation Sums of Squared Loadings		
	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %	Total	% of Variance	Cumulative %
1	2,810	18,735	18,735	2,810	18,735	18,735	2,378	15,854	15,854
2	2,188	14,588	33,323	2,188	14,588	33,323	1,902	12,677	28,531
3	1,447	9,644	42,967	1,447	9,644	42,967	1,722	11,482	40,013
4	1,296	8,639	51,606	1,296	8,639	51,606	1,486	9,908	49,921
5	1,135	7,569	59,175	1,135	7,569	59,175	1,289	8,595	58,516
6	1,017	6,783	65,958	1,017	6,783	65,958	1,116	7,442	65,958
7	,892	5,949	71,907						
8	,795	5,298	77,205						
9	,700	4,666	81,872						
10	,695	4,635	86,506						
11	,587	3,917	90,423						
12	,461	3,074	93,497						
13	,390	2,603	96,100						
14	,326	2,176	98,276						
15	,259	1,724	100,000						

Fonte: Elaborada pelo autor.

Os 6 fatores agruparam as questões da seguinte maneira: para o primeiro componente, ficaram as questões 2, 3, 7, 13 e 15; o segundo, 2, 9 e 14; o terceiro 1 e 6 (O 15 se enquadrou melhor no componente 1); o quarto, 3 e 5; o quinto, 10 e 11; e o sexto componente com a questão 12. Para testar a confiabilidade do agrupamento das variáveis nos fatores foi utilizado o Alfa de Cronbach evidenciado na Tabela 13. Segundo Hair (2009) o limite inferior para este teste deve ser de 0,60.

Tabela 13: Resultado para o Alfa de Cronbach.

Matriz de componente de rotação

	Componentes					
	1	2	3	4	5	6
ED1			,680			
ED2	,780					
ED3	,425					
ED4				,783		
ED5				,463		
ED6			,486			
ED7	,602					
ED8		,715				
ED9		,438				
ED10					,848	
ED11					,591	
ED12						,873
ED13	,456					
ED14		,665				
ED15	,649		,473			

Fonte: Elaborada pelo autor.

O primeiro componente, agrupou as questões referentes à percepção do entrevistado quanto ao endividamento. A questão que mais pontuou foi a 2 que pergunta ao entrevistado se as contas são pagas sem atraso. As duas outras questões que mais pontuaram neste componente são a 7 e a 15. A questão 7 pergunta o quanto que ele sabe que está devendo nas lojas, cartão de crédito ou banco e a 15 pergunta se ele é organizado em gerir o dinheiro no dia-a-dia. Levando como base a temática das questões o nome sugerido para esse componente é “Suas contas são pagas sem atraso”.

As questões que mais pontuaram no segundo componente foram a 8 e a 14. A questão 8 pergunta se é uma boa ideia deixar para pagar algo depois e a questão 14 diz que pagar com cartão de crédito e pagar a fatura mensalmente é uma forma inteligente de gerir o dinheiro. Podemos concluir que esse componente uniu as questões referentes ao ato de se endividar e seu nome sugerido ficou como “É interessante deixar para pagar algo futuramente e com periodicidade”.

Para o componente 3, a questão que mais pontuou foi a 1. Essa questão pergunta se o entrevistado possui algum compromisso de crédito. Podemos concluir que esse componente expressa o quanto que a pessoa sabe das suas dívidas. Seguindo a nomeação do componente, este ficou como “Você sabe aonde e quanto está devendo”.

No componente 4, a questão que mais pontuou foi a 4. A questão é referente à uma opinião de que “não é certo gastar mais do que ganho”. Esse componente diz respeito ao fato de a pessoa concordar em se endividar para comprar algo sendo seu nome sugerido “É certo gastar mais do que se ganha”.

Para o componente 5, a questão mais expressiva foi a 10, que relata a importância de viver de acordo com a renda que possui. Portanto, para esse componente, é expresso a ideia de as pessoas enquadrarem seus gastos aos seus ganhos e seu nome sugerido ficou “É importante enquadrar seus gastos de acordo com os ganhos”.

No último componente, a questão que mais pontuou foi a 12. Essa questão permite refletir o fato de ser permitido ter dívidas a partir do momento que sabe que pode pagar sendo representado pelo componente “É permitido ter dívidas apenas se puder pagá-las”.

Das questões 1, 2 e 3 propostas por Vieira (2014), duas se agruparam no primeiro componente (2 e 3) não sendo efetivamente relevantes separadas. Com relação às questões de 4 a 7 propostas por Moura (2005), as duas primeiras se agruparam no quarto componente, enquanto que as outras cada uma se encaixou em outro. Para as questões de 8 a 10 propostas por Alves (2017), as duas primeiras se enquadraram no segundo componente enquanto que a terceira no quinto. Das questões de 11 a 13 e a questão 15 propostas por Lea (1995) e Moura (2005), cada uma se encaixou em um componente diferente. Por fim, a questão 14 proposta por Disney (2015) e Flores (2012) se encaixou no segundo componente. Segue um resumo da divisão dos componentes.

5. CONCLUSÕES

Este trabalho tinha como objetivo geral “Verificar se os universitários de Uberlândia praticam o consumo consciente, levando em conta a educação financeira, de forma a evitar o endividamento”, como objetivos específicos: “Identificar o perfil dos acadêmicos através de questões socioeconômicas”; “Verificar a influência da educação financeira na atitude ao endividamento” e cinco hipóteses a serem confrontadas. Todos os objetivos e hipóteses foram alcançados, visto que com os resultados obtidos, foi possível respondê-los de maneira satisfatória. Para o objetivo geral “Verificar se os universitários de Uberlândia praticam o consumo consciente, levando em conta a educação financeira, de forma a evitar o endividamento” foi observado que a maioria das

peças da amostra se enquadram nas faixas das Classes B, C e D e o nível de conhecimento sobre educação financeira teve em maior frequência pessoas com conhecimento insuficiente (de 0 a 5 acertos).

Com relação ao primeiro objetivo específico “Identificar o perfil dos acadêmicos através de questões socioeconômicas” para a variável sexo, há um número maior de pessoas do sexo feminino, sendo de 52,9% (210 pessoas) a frequência contra os 47,1% (187 pessoas) representando o sexo masculino.

A maior frequência de idade se encontra em 21 anos, apresentando 26,4% do total nessa faixa etária. A maior idade registrada foi 29 anos, representada por apenas uma pessoa (0,3% do total) enquanto que a menor idade foi de 18 anos, representada por 15 pessoas (3,8% do total). Foi registrado um número maior de participantes entre as idades de 19 e 23 anos obtendo como valor 343 respondentes (86,3% do total).

Com relação à cor, a branca foi a que apresentou a maior frequência, sendo 269 dos entrevistados (67,8% do total). Em segundo lugar, ficou a cor parda com 79 (19,9% do total) seguida das cores preta com 38 (9,6% do total) e amarela com 11 (2,8% do total).

O curso que apresentou a maior porcentagem foi o de “Química Industrial”, tendo 43 respondentes (10,8% do total). Com frequências bem parecidas, ficaram em segundo lugar os cursos de “Administração” com 34 pessoas (8,6% do total), “Direito” com 33 (8,3% do total), “Jornalismo” com 32 (8,1% do total) e “Ciências da Computação” com 31 (7,8% do total).

Com relação ao período do curso que se encontram os participantes, há uma maior concentração no oitavo período, sendo representado por 73 pessoas (18,4% do total). Os outros períodos tiveram as frequências praticamente iguais, em torno de 42 a 52 pessoas com exceção do segundo, nono e décimo que apresentaram frequências inferiores com relação às demais.

Finalizando os objetivos do trabalho, o segundo objetivo específico “Verificar a influência da educação financeira na atitude ao endividamento”, foi constatado que não houve correlação entre o nível de conhecimento e a atitude ao endividamento, ficando fora do esperado. Sugere-se um estudo mais aprofundado considerando uma amostragem mais diversificada para constatar se o resultado alcançado é tendência.

Para a primeira hipótese, não teve como testar o grau de escolaridade por todos estarem cursando o ensino superior. Segundo Ponchio (2006) e Keese (2010) a atitude ao endividamento está presente em indivíduos que possuem menor idade. No resultado encontrado, há uma correlação fraca entre as variáveis idade e atitude ao endividamento

($r = 0,213$), expondo que quanto maior a idade, também cresce de maneira suave a atitude ao endividamento contradizendo os resultados encontrados pelos autores.

Com relação à segunda hipótese, não houve correlação significativa entre as variáveis gênero e atitude ao endividamento. Portanto, não se constatou diferenças entre os gêneros no que diz respeito ao ato de se endividar igual os resultados constatados em Davies e Lea (1995); Norvilitis, Szablicky e Wilson (2003); e Norvilitis et al. (2006). Além disso o resultado apontado, ainda difere ao constatado por Wang, Lu e Malhotra (2011), que afirmam os homens terem maior atitude ao endividamento e Ponchio (2006) que afirma ser as mulheres.

Para a terceira hipótese, não houve correlação significativa entre as variáveis renda e atitude ao endividamento. Portanto, não houve relação entre a atitude ao endividamento com indivíduos que apresentam renda menor. O estudo apresentou resultados contrários ao que Zerrenner (2007); Vieira et al. (2014); e Vieira, Flores e Campara (2014) concluíram. Vale ressaltar que o grupo amostral se concentrou nas faixas intermediárias de classificação de renda, ao qual estudos posteriores buscando igualar essas frequências explicará melhor se a hipótese é válida.

A quarta hipótese propôs que “A atitude com cartão de crédito influencia positivamente na propensão ao endividamento” e para seu estudo o resultado da correlação apontou favorável à hipótese. Como resultado, obteve o valor de 0,701 para correlação, ao qual, é classificada como positiva forte, ou seja, quanto maior a atitude com o cartão de crédito, maior a atitude ao endividamento igualmente proposto por Norum (2008); Wang e Xiao (2009); Wang, Lv e Jiang (2011).

A quinta hipótese é referente a “O autocontrole influencia negativamente a propensão ao endividamento”. Segundo Wang e Xiao (2009); Malhotra, Lu e Wang (2011); Gathergood (2012) a falta de autocontrole influencia positivamente ao endividamento, igual constatado pelos resultados do estudo. Como pôde ser observado, apresentou a correlação de Pearson de -0,432 sendo classificado como negativo moderado, ou seja, quanto maior o autocontrole, menor será a atitude ao endividamento.

Através da análise fatorial feita com base nas questões do bloco 3, foi constatada que as 15 perguntas do bloco podem se agrupar em 6 fatores. Os fatores foram renomeados com o intuito que representassem as questões agrupadas por ele e o resultado foi: “Suas contas são pagas sem atraso”; “É interessante deixar para pagar algo futuramente e com periodicidade”; “Você sabe aonde e quanto está devendo”; “É certo

gastar mais do que se ganha”; “É importante enquadrar seus gastos de acordo com os ganhos”; “É permitido ter dívidas apenas se puder pagá-las”. Neste sentido, há a relevância de elaboração de mais perguntas para o bloco, com intuito de abranger 100% as necessidades de resposta com relação à atitude ao endividamento visto que os fatores propostos respondem aproximadamente 66% do total.

Como principal contribuição da pesquisa deve-se destacar a tentativa de investigar variáveis demográficas e culturais, verificando as diferenças que as mesmas ocasionam na propensão ao endividamento. Com isso, pode-se conhecer o perfil deste novo consumidor, podendo desenvolver ações para prevenir o endividamento, evitando que aumentos no acesso ao crédito não se reflitam em mais inadimplentes. Do ponto de vista organizacional, as empresas poderão adaptar o seu fluxo financeiro de acordo com o novo estilo de consumo e poupança. As instituições financeiras também podem se beneficiar dos estudos envolvendo o endividamento, tendo a possibilidade de construir modelos de concessão de crédito mais robustos, que considerem os fatores comportamentais.

Como limitação do estudo destaca-se a possível omissão de respostas por parte dos entrevistados, visto que as variáveis questionadas abordam aspectos financeiros pessoais. Como sugestão para estudos futuros destaca-se a ampliação da população, para que diferentes culturas e perfis sejam investigados, bem como a inclusão de outras variáveis comportamentais como o materialismo, as emoções e a tolerância ao risco.

REFERÊNCIAS

AGNEW, J. R.; SZYKMAN, L. R. Asset Allocation and Information Overload: The Influence of Information Display, Asset Choice, and Investor Experience. **Journal of Behavioral Finance**, v. 6, n. 2, p. 57–70, jun. 2005.

ALVES DA SILVA CRUZ NETO, L. et al. Atitude ao Endividamento e Comportamento de Gestão Financeira do Consumidor. **REUNA**, v. 22, n. 1, p. 63–82, 31 mar. 2017.

ATKINSON, A.; MESSY, F.-A. Financial Education for Migrants and their Families. **OECD Working Papers on Finance, Insurance and Private Pensions**, n. 38, p. 1–41, 2015.

BAEK, E.; HONG, G.-S. Effects of Family Life-Cycle Stages on Consumer Debts. **Journal of Family and Economic Issues**, v. 25, n. 3, p. 359–385, 2004.

BLOCK-LIEB, S.; JANGER, E.J. The Myth of the Rational Borrower: Rationality, Behavioralism and the Misguided “Reform of Bankruptcy Law”. **Texas Law Review**, v. 84, n. 6. Mai/2006.

BODDINGTON, L.; KEMP, S. Student debt, attitudes towards debt, impulsive buying, and financial management. **New Zealand Journal of Psychology**, v.28, n. 2, p. 89-93, dez. 1999.

BRAUNSTEIN, S.; WELCH, C. Financial literacy: An overview of practice, research, and policy. **Federal Reserve Bulletin**, v. 88, n. 11, p. 445–457, 2002.

CHEN, H.; VOLPE, R. P. An Analysis of Personal Financial Literacy Among College Students. **Financial Services Review**, vol. 7, issue 2, 107-128, 1998.

CHESNAIS, François. A proeminência da finança no seio do "capital geral", o capital fictício e o movimento contemporâneo de mundialização do capital. In: BRUNHOFF, Suzanne de et al. **A finança capitalista**. São Paulo: Alameda, 2010.

CHOMSKY, Noam. O Lucro ou as Pessoas: Neoliberalismo e Ordem Global. **5ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil**, 2006.

CLAUDINO, L.P.; NUNES, M.B.; SILVA, F.C. **Finanças pessoais: um estudo de caso com servidores públicos**. XVI Congresso Brasileiro de Custos – Fortaleza, CE, Brasil, 03 a 05 de novembro de 2009.

- COBRA, Marcos. Marketing básico: uma perspectiva. **4ª ed. São Paulo: Atlas**, 2007.
- CORRAR, Luiz j.; PAULO, Edilson; DIAS FILHO, José Maria (coord). Análise Multivariada: para cursos de administração, ciências contábeis e economia. **1ª ed. São Paulo: Atlas**, 2014.
- COSTA, C. M.; MIRANDA, C. J. Educação financeira e taxa de poupança no Brasil. **Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade**, v. 3, n. 3, p. 57-74, 2013.
- DAVIES, E.; LEA, Stephen E. G. Student Attitudes to Student Debt. **Journal of Economic Psychology**, Amsterdam, v. 16, n. 4, Dec., p. 663-679, 1995.
- DIAS, C. DE O.; ARENAS, N. C. DOS S.; ARENAS, M. V. dos. S.; SILVA, R., M., P. da. Perfil de educação financeira dos acadêmicos dos cursos de ciências contábeis, administração e economia de uma instituição federal de ensino superior brasileira. **Brazilian Applied Science**, v. 3, n. 5, p. 2190-2211, 2019.
- DANCEY, C. & REIDY, J. Estatística Sem Matemática para Psicologia: Usando SPSS para Windows. Porto Alegre, Artmed, 2006.
- DISNEY, R.; GATHERGOOD, J.; WEBER, J. Credit counseling: a substitute for consumer financial literacy? **Journal os Pension Economics and Finance**, v. 14, n. 4, p. 466-491, 2015.
- FACHIN, O. Fundamentos de metodologia. **3. ed. São Paulo: Saraiva**, 2001.
- FÁVERO, Luiz Paulo; et al. Análise de dados: modelagem multivariada para tomada de decisões. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.
- FIGUEIREDO FILHO, D. B.; SILVA JÚNIOR, J. A. DA. Visão além do alcance: uma introdução à análise fatorial. **Opinião Pública**, v. 16, n. 1, p. 160–185, jun. 2010.
- FLORES, S. A. M. Modelagem de equações estruturais aplicada à propensão ao endividamento: uma análise de fatores comportamentais. **Dissertação de Mestrado**, p. 192, 2012.
- FONSECA, J. S.; MARTINS, Gilberto de Andrade. Curso de Estatística. **6 ed. São Paulo: Atlas**, 2015.
- FOSTER, John Bellamy. A bolha do endividamento familiar. 2006. Disponível em: <http://resistir.info/mreview/foster_mai06_p.html>. Acesso em: 22 de abr. 2020.

- FRADE, C. et al. Um perfil dos sobre-endividados em Portugal. Relatório Final. **Centro de Estudos Sociais**. Faculdade de Economia de Coimbra. Portugal, 2008.
- GALLERY, N.; NEWTON, C.; PALM, C. Framework for assessing financial literacy and superannuation investment choice decisions. **Australasian Accounting, Business and Finance Journal**, v. 5, n. 2, p. 3–22, 2011.
- GATHERGOOD, J. Self-control, financial literacy and consumer over-indebtedness. **Journal of Economic Psychology**, v. 33, n. 3, p. 590–602, jun. 2012.
- GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projeto de pesquisa. **2 ed. São Paulo: Atlas**, 1989.
- GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. **3 ed. São Paulo: Atlas**, 1991.
- GILLIGAN, H.L. An examination of the financial literacy of California college students. Tese (Doctor of Educational Leadership Committee) - University of San Diego, 2012.
- HAIR, J. F. JR; ANDERSON, R. E; TATHAM, R. L; BLACK, W. C. *Análise Multivariada de dados*. Trad. Adonai Schulp Sant'Anna e Anselmo Chaves Neto. **5ªed. Porto Alegre: Bookman**. 593 p. 2005.
- HAIR, J. F.; et al. *Análise multivariada de dados*. **6. ed. São Paulo: Bookman**, 2009.
- HAIR, J. F., Black, W. C., Babin, B., Anderson, R. E., & Ronald, L. T. *Multivariate data analysis*. **7. ed. Upper Saddle River: Pearson**. 2010.
- HANNA, E. S.; TODOROV, J. C. Modelos de autocontrole na análise experimental do comportamento: utilidade e crítica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 18, n. 3, p. 337–343, dez. 2002.
- HANNS, L. A. Terapia comportamental e cognitivo-comportamental: práticas clínicas. **Revista Brasileira de Psiquiatria**, v. 27, n. 2, p. 169–169, jun. 2005.
- HECKMAN, J. J. Econometric causality. **International Statistical Review**, v. 76, n. 1, p. 1-27, 2008.
- HILGERT, M.; HOGARTH, J; BEVERLY, S. Household financial management: the connection between knowledge and behavior. **Federal Reserve Bulletin**, p.309-322, July 2003.

HUNG, A.; PARKER, A. M.; YOONG, J. Defining and Measuring Financial Literacy. **SSRN Electronic Journal**, 2009.

HUSTON, S. J. Measuring Financial Literacy. **Journal of Consumer Affairs**, v. 44, n. 2, p. 296–316, jun. 2010.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . **Censo Brasileiro de 2015**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.

KATONA, G. **PSYCHOLOGICAL ECONOMICS** . New York : Elsevier Scientific. **Journal of Behavioral Economics**, v. 5, n. 1, p. 203–205, jun. 1976.

KASSAMBARA, A. **Practical Guide to Cluster Analysis in R. USA: STHDA**. 1 ed, 2017.

KEESE, M.; SCHMITZ, H. Broke, ill and Obese: The Effect of Household debt on Health. **Social Science Research Network**, 2010.

KEESE, M. Who feels constrained by high debt burdens? Subjective vs. objective measures of household debt. **Journal of Economic Psychology**, v. 33, n. 1, p. 125–141, fev. 2012.

KEHIAIAN, S. E. Factors and behaviors that influence financial literacy in U.S. Households. Tese (Phd), **H. Wayne Huizenga School of Business and Entrepreneurship** New Southeastern University, 2012.

KLAPPER, L.; PANOS, G. A. Financial literacy and retirement planning: the Russian case. **Journal of Pension Economics and Finance**, v. 10, p. 599-618, 2011.

LUCCI, Cintia Retz *et al.* A influência da educação financeira nas decisões de consumo e investimento dos indivíduos. **Seminário em Administração**, v. 9, 2006.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. Baby Boomer retirement security: The roles of planning, financial literacy, and housing wealth. **Journal of Monetary Economics**, v. 54, n. 1, p. 205–224, jan. 2007a.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. Financial literacy and retirement planning: new evidence from the Rand American Life Panel. **University of Michigan Retirement Research Center, Working Paper** n.157, 2007 b.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. Planning and financial literacy: how do women fare? **American Economic Review: Papers & Proceedings**, v.98, p. 413-417, 2008.

LUSARDI, A.; TUFANO, P. Debt literacy, financial experiences, and overindebtedness. **National Bureau of Economic Research, Working Paper n.14808**, Mar.2009).

MACHADO-DA-SILVA, F.; MANIÇOBA DA S. A.; OLIVEIRA, R. L.; DE OLIVEIRA, P. C. Efeito da ansiedade, racionalidade e uso de recursos financeiros na relação entre materialismo e o comportamento de compra impulsivo. **Revista Ciências Administrativas**, v. 23, n. 3, p. 415-430, 2017

MACRINI, J.; SANTOLIN, R.; DE OLIVEIRA, C.; DE PAULA, T. Discriminação e Classificação da Exclusão Financeira a partir da Análise de Agrupamentos e Redes Neurais. **Revista de Economia do Centro-Oeste**, v. 5, n. 1, p. 2-19, 9 out. 2019.

MALHOTRA, N. K., LU W., & WANG, L.. Demographics, attitude, personality and credit card features correlate with credit card debt: A view from China. **Journal of Economic Psychology**, 32, 179–193, 2011.

MANDELL, L. Financial literacy of high school students. In J.J. XIAO (Ed.), **Handbook of Consumer Finance Research**. New York, NY, Spring, p. 163-183, 2007.

MANDELL, L. The financial literacy of young American adults: results of the 2008 National JumpStart Coalition Survey of High School and College Students. **JumpStart Coalition for Personal Financial Literacy**, Washington, D.C.: 2008.

MARCHEZINI-CUNHA, V.; TOURINHO, E. Z. Assertividade e autocontrole: interpretação analítico-comportamental. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 295–304, jun. 2010.

MARCOLIN, S.; ABRAHAM, A. Financial literacy research: current literature and future opportunities. **In: 3rd INTERNATIONAL CONFERENCE OF CONTEMPORARY BUSINESS 2006**, p. 21-22, Sept. 2006.

MATOS, C. A.; BONFANTI, K.. Comportamento compulsivo de compra: fatores influenciadores no público jovem. **REGE-Revista de Gestao**, v. 23, n. 2, p. 123-134, 2016.

MENDES-DA-SILVA, W.; NAKAMURA, W. T.; MORAES, D. C. D. Credit Card Risk Behavior on College Campuses: Evidence from Brazil. **Brazilian Administration Review - BAR**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 351-373, jul/set 2012.

MONTEIRO, C. M. P. Sobre-endividamento das Famílias Portuguesas. 84 f. Dissertação (Mestrado em Economia), Universidade de Aveiro, Aveiro, 2015. Disponível em: <<https://ria.ua.pt/handle/10773/16798>>. Acesso em 21 jul. 2020.

MOORE, D. Survey of Financial literacy in Washington State: knowledge, behavior, attitudes, and experiences. **Olympia, WA, Washington State Dept. of Financial Institutions**, 2003.

MOURA, A. G. D. Impacto dos diferentes níveis de materialismo na atitude ao endividamento e no nível de dívida para financiamento do consumo nas famílias de baixa renda do município de São Paulo. **Biblioteca Digital FGV. Repositório Digital FGV**. 2005. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/2347>>. Acesso em: 17 abril 2020.

NARDI, S. A nova era do consumo de baixa renda: Consumidor, mercados, tendências e crise mundial. **São Paulo: Novo Século Editora**, 2009.

NORUM, P. S. The role of time preference and credit card usage in compulsive buying behaviour. **International Journal of Consumer Studies**, v. 32, n. 3, p. 269–275, maio 2008.

NORVILITIS, J. M. et al. Personality Factors, Money Attitudes, Financial Knowledge, and Credit-Card Debt in College Students¹. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 36, n. 6, p. 1395–1413, jun. 2006.

NORVILITIS, J. M.; SZABLICKI, P. B.; WILSON, S. D. Factors Influencing Levels of Credit-Card Debt in College Students¹. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 33, n. 5, p. 935–947, maio 2003.

PIMENTEL, C. E. et al. Escala de atitudes frente ao dinheiro (MAS): Teste de modelos e poder preditivo. **Interamerican Journal of Psychology**, v. 46, n. 2, p. 209–218, 2012.

PONCHIO, M. C. The Influence of Materialism on Consumption Indebtedness in the Context of Low Income Consumers From the City of Sao Paulo. 2006. Tese (Doutorado em Administração) - Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2006.

POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; CERETTA, P. S. Nível de alfabetização financeira dos estudantes universitários: afinal, o que é relevante?. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, v. 12, n. 3, p. 314-333, 2013.

POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; KIRCH, G. Você é Alfabetizado Financeiramente? Descubra no Termômetro de Alfabetização Financeira. **BASE - Revista de Administração e Contabilidade da UNISINOS**, v. 13, n. 2, p. 153-170, 2016.

PREVITALI, F. S. O Enigma do Capital: e as crises do capitalismo. **Caderno CRH**, v. 25, n. 66, p. 623–624, dez. 2012.

RASSIER, Leandro H. Conquiste sua liberdade financeira: organize suas finanças e faça o seu dinheiro trabalhar para você. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

REMUND, D. L. Financial Literacy Explicated: The Case for a Clearer Definition in an Increasingly Complex Economy. **Journal of Consumer Affairs**, v. 44, n. 2, p. 276–295, jun. 2010.

RICHARDSON, R. J. Pesquisa social: Métodos e técnicas. 3 ed. Atlas: São Paulo, 1999.

ROOIJ, M. C. J. V.; LUSARDI, A.; ALESSIE, R. J. M. Financial literacy and retirement planning in the Netherlands. **Journal of Economic Psychology**, v. 32, n. 4, p. 593-608, 2011.

ROSS, Stephen A.; WESTERFIELD, Randolph W.; JORDAN, Bradford D. Stephen A. Ross: princípios de administração financeira. Tradução: Andrea Maria Accioly Fonseca Minardi. São Paulo: Editora Atlas, p. 519, 2009.

RUDMIN, F.W. Gender differences in the semantics of ownership: Was Pythagoras right? In: Goldberg, M.E., Corn, G., Pollar R.W. (Eds.), *Advances in Consumer Research*. **Ann Arbor, MI: Association for Consumer Research**. p. 176-181, 1994.

SAMPAIO, A. A. S. Skinner: sobre ciência e comportamento humano. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 25, n. 3, p. 370–383, 2005.

SANTOS, J. H. A. et al. Significados do Dinheiro: A visão do futuro Administrador. **ReFAE**, São Paulo, 2008.

SANTOS, Thiago dos; SOUZA, M. J. B. Fatores que influenciam o endividamento de consumidores jovens. **Revista Alcance Eletrônica**, v. 21, n. 1, 2014.

SILVA, C. Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa social. **Revista Tempo Social**. v. 17. n. 02, 2005.

SILVA, Pablo Rogers. **Psicologia do risco de crédito**: análise da contribuição de variáveis psicológicas em modelos de credit scoring. 2011. Tese (Doutorado em Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. doi:10.11606/T.12.2011.tde-30092011-184818. Acesso em: 21 jul. 2020.

SILVA, T. P. D., MAGRO, C. B. D., GORLA, M. C., & NAKAMURA, W. T. Financial education level of high school students and its economic reflections. **Revista de Administração** (São Paulo), 52(3), 285-303, 2017.

Slomp, J. Z. F. Endividamento e consumo. **Revista Relações de Consumo**, v.108, p.109-131, 2008.

SOMAN, D. Effects of Payment Mechanism on Spending Behavior: The Role of Rehearsal and Immediacy of Payments. **Journal of Consumer Research**, University of Chicago Press, v. 27, p. 460-474, Mar/2001.

TANG, T.L.P. The meaning of money revisited. **Journal of Organizational Behavior**, v. 13, p. 197-202, 1992.

VAN RAAIJ, W. F.; GIANOTTEN, H. J. Consumer confidence, expenditure, saving, and credit. **Journal of Economic Psychology**, v. 11, n. 2, p. 269-290, 1990.

VAN ROOIJ, M.; LUSARDI, A.; ALESSIE, R. Financial literacy and stock market participation. **Journal of Financial Economics**, v. 101, n. 2, p. 449-472, Aug.2011.

VERGARA, S. C. Métodos de pesquisa em administração. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

VIEIRA, K. M. et al. Níveis de Materialismo e Endividamento: Uma Análise de Fatores Socioeconômicos na Mesorregião Central do Estado no Rio Grande Do Sul. **Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace**, v. 5, n. 2, 2014.

VIEIRA, K. M.; FLORES, S. A. M.; CAMPARA, J. P. Propensão ao Endividamento no Município de Santa Maria (RS): verificando diferenças em variáveis demográficas e culturais. **Teoria e Prática em Administração**, v. 4, n. 2, p. 180-205, 2014.

VITT, L. A. Consumers financial decisions and the psychological of values. **Journal of Financial Service Professionals**, 68-77, 2004.

VOLPE, R. P.;KOTEL, J. E.; CHEN, H.A survey of investment literacy among online investors. **Financial Counseling and Planning**, v. 13, n. 11, 2002.

WANG, J.; XIAO, J. J. Buying behavior, social support and credit card indebtedness of college students. **International Journal of Consumer Studies**, v. 33, n. 1, p. 2–10, jan. 2009.

WANG, L.; WEI, LV; JIANG, L. The impact of attitude variables on the credit debt behavior. **Nankai Business Review International**, v.2, n.2, p.120- 139, 2011.

WANG, L.; LU, W.; MALHOTRA, N. K. Demographics, attitude, personality and credit card features correlate with credit card debt: A view from China. **Journal of Economic Psychology**, v. 32, n. 1, p. 179–193, fev. 2011.

ZELIZER, V.A. The social meaning of money: “Special monies”. **American Journal of Sociology**, v. 95, p. 342-377, 1989.

ZERRENNER, Sabrina Arruda. **Estudo sobre as razões para o endividamento da população de baixa renda**. 2007. Dissertação (Mestrado em Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/D.12.2007.tde-13112007-120236. Acesso em: 03 de maio de 2020.